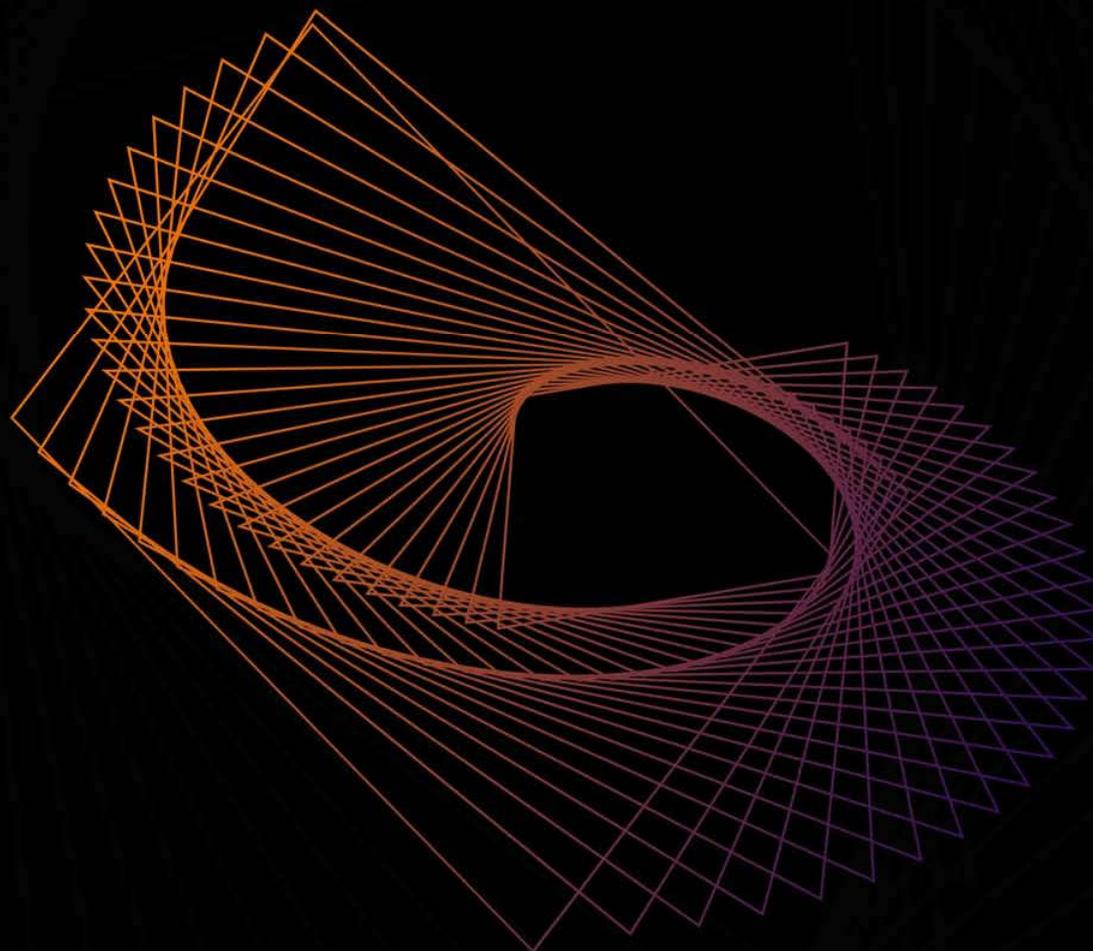


**Leonardo Ripoll
Marcio Markendorf
Renata Santos da Silva
(organizadores)**



CINEMA E DISTOPIA

exploração de conceitos e mundos paralelos



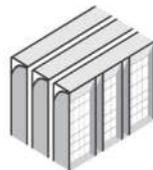
Leonardo Ripoll
Marcio Markendorf
Renata Santos da Silva
(organizadores)

CINEMA E DISTOPIA

– exploração de conceitos e mundos paralelos –

Coleção Cadernos de Crítica
volume 4

Projeto Cinema Mundo



PUBLICAÇÕES
UFSC - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

Florianópolis
2020

Equipe Cinema Mundo Distopias

Leonardo Ripoll
Marcio Markendorf
Renata Santos da Silva
Gabriel de Oliveira Manduca
Julia Pozzetti
Tuan Peres

Revisão do original

Leonardo Ripoll
Marcio Markendorf
Leandro Waltrick

Projeto gráfico e diagramação

Marcio Markendorf
Leonardo Ripoll

Capa

Felipe Hipolito Dutra

Realização do projeto

Curso de Cinema e Biblioteca Universitária
Universidade Federal de Santa Catarina

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

C574 Cinema e distopia [recurso eletrônico] : exploração de conceitos e mundos paralelos / Leonardo Ripoll, Marcio Markendorf e Renata Santos da Silva (organizadores). – Dados eletrônicos. – Florianópolis : BU Publicações/UFSC, 2020.
390 p. : il. – (Coleção Cadernos de Crítica ; 4)

Projeto Cinema Mundo.
Inclui bibliografia.
E-book (PDF).
ISBN 978-65-80460-91-5

1. Cinema – Crítica e interpretação. 2. Cinema – Estética. 3. Distopias. I. Ripoll, Leonardo. II. Markendorf, Marcio. III. Silva, Renata Santos da. IV. Série.

CDU: 791.43



Sobre o Cinema Mundo

Criado em 2012, o projeto de extensão Cinema Mundo opera aos moldes de um cineclube no espaço da Universidade Federal de Santa Catarina. A ação é uma parceria firmada entre o curso de Cinema e a Biblioteca Universitária da instituição.

Ao promover quinzenalmente exhibições comentadas de filmes, o Cinema Mundo procura estimular o debate crítico de forma horizontal entre os espectadores, sofisticar o olhar da comunidade para a experiência cinematográfica e, ainda, produzir conhecimento acadêmico, fatores que produzem a desejada articulação entre a atividade extensionista, o ensino e a pesquisa.

A coleção *Cadernos de Crítica*, publicação própria do projeto, é o modo pelo qual podemos difundir o conhecimento produzido para além das fronteiras locais. Editado com base nas curadorias semestrais do Cinema Mundo, cada volume é disponibilizado em formato *e-book* e de forma inteiramente gratuita no site institucional do projeto:

<http://cinemamundo.cce.ufsc.br/publicacoes/>

Sobre o volume

O presente volume, *Cinema e distopia*, é resultante da curadoria do ano de 2018, cujo objetivo foi oferecer ao público uma amostragem dos modos de se pensar as distopias na narrativa cinematográfica. O conjunto de textos reunidos nesta publicação procura discutir, com diferentes abordagens, os cenários distópicos apresentados nos filmes, na literatura e na vida cotidiana.

Sobre a capa

O objeto central é a imagem estilizada de uma sala de cinema, já distorcida em função de práticas de manipulação discursiva. Como se sabe, no passado, o cinema foi empregado como poderosa arma midiática na propaganda política, possibilitando regimes como o nazista e o fascista alcançarem parte de seus objetivos. Além da tela de cinema em espiral distorcida, as cores complementam a proposta de um conceito visual distópico: a cor laranja é bastante utilizada na cultura gráfica para representar sistemas de opressão em filmes e games; e a cor preta, por sua vez, pretende representar o lado obscuro das sociedades.

Sobre os filmes

Mad Max: estrada da fúria

(*Mad Max: Fury Road*, George Miller, 2015)

A infância de um líder

(*The Childhood of a Leader*, Brady Corbet, 2015)

Expresso do amanhã

(*Snowpiercer*, Bong Joon-ho, 2013)

O homem duplo

(*A scanner darkly*, Richard Linklater, 2006)

Filhos da esperança

(*Children of Men*, Alfonso Cuarón 2006)

V de Vingança

(*V for Vendetta*, James McTeigue, 2005)

eXistenZ

(*eXistenZ*, David Cronenberg, 1999)

Gattaca, uma experiência genética

(*Gattaca*, Andrew Niccol, 1997)

O fantasma do futuro/*Ghost in the shell*

(*Kôkaku Kidôtai*, Mamoru Oshii, 1995)

RoboCop: o policial do futuro

(*RoboCop*, Paul Verhoeven, 1987)

Brazil: o filme

(*Brazil*, Terry Gilliam, 1985)

1984

(*Nineteen Eighty-Four*, Michael Radford, 1984)

Nausicaä do Vale do Vento

(*Kaze no tani no Naushika*, Hayao Miyazaki, 1984)

Salò, ou os 120 dias de Sodoma

(*Salò o le 120 giornate di Sodoma*, Pier Paolo Pasolini, 1975)

Fahrenheit 451

(*Fahrenheit 451*, François Truffaut, 1966)

SUMÁRIO

Distopias: algumas reflexões filosóficas	
<i>Ivan Ferreira da Cunha</i>	7
Imperatriz Furiosa: a heroína sem fronteiras de <i>Mad Max: estrada da fúria</i>	
<i>Vanessa Camassola Sandre</i>	36
A infância de um líder, de Brady Corbet: a gênese do despotismo	
<i>Fedra Rodríguez e Gabriela do Valle</i>	57
Snowpiercer: progresso entre futuros	
<i>Tuan Peres</i>	72
Distopia classista: o cinema sul-coreano de Bong Joon-ho entre Marx e a ficção pós-humana em <i>O Expresso do Amanhã</i>	
<i>Yasmim Pereira Yonekura</i>	93
Crise de identidade pós-moderna em <i>A scanner darkly</i>	
<i>Daniel Serravalle de Sá</i>	109
Filhos da Esperança: som, luz e quadro em uma distopia britânica	
<i>George Alexandre Ayres de Menezes Mousinho</i>	121
O triunfo distópico de <i>Filhos da Esperança</i>	
<i>Patricia de Oliveira Iuva</i>	139
Qual sua preferência: distopia ou utopia?	
<i>Josias Ricardo Hack</i>	158

Violência: a barbárie ou a reação do oprimido: vivências trans em uma leitura de *V de Vingança*

Lirous K'yo Fonseca Ávila..... 171

A 'eXistênCia' enquanto matriz inescapável

Helvécio Ferreira Furtado Junior 185

Biopoder, eugenia e segregação em *Gattaca: experiência genética*

Luíza Salgado Mazzola..... 199

A máquina diante de um espelho: reflexos e reflexões em *Ghost in the Shell*

Nathan Luchina..... 215

A direita política, narrativa e zombaria em *RoboCop*

Peterson Silva..... 228

***RoboCop* e o resultado da eleição brasileira de 2018**

Rafaela Elaine Barbosa 239

Terry Gilliam no País das Maravilhas

Dirce Waltrick do Amarante 255

Brazil: o filme

Daniel Medeiros 268

'Duplipensando' o filme *1984*, de Radford, como reconstrução do *1984*, de Orwell: linguagem, distopia e a sucumbência da realidade

José Claudio Matos 288

<i>Nausicaä</i> e a representação feminina nos filmes de Hayao Miyazaki	
<i>Gisele Tyba Mayrink Orgado</i>	305
Saló!	
<i>Caroline Marins</i>	321
Do agora e dos antes e as nuvens densas no horizonte: uma quase-carta a Pasolini	
<i>Iur Gomes</i>	335
<i>Fahrenheit 451</i>: o filme de François Truffaut e o esplêndido <i>fade out</i> de Ray Bradbury	
<i>José Carlos Mariano do Carmo</i>	354
Pensando o hoje a partir da literatura distópica: uma leitura sócio-crítica de <i>Fahrenheit 451</i>	
<i>Elisa Cristina Delfini Corrêa</i>	370
Sobre as autorias	388
Sobre a organização	394

Qual sua preferência: distopia ou utopia? ¹

Josias Ricardo Hack

Antes de iniciar a leitura do presente capítulo, faça a si mesmo a pergunta: *eu prefiro a distopia ou a utopia?*

Agora, reserve um certo tempo para pensar sobre o assunto.

Pronto? Então, vamos ao texto.

Atualmente, eu responderia à pergunta do título dizendo: minha preferência ‘mora’ no *ponto-zero*. Mas, daí surge outra questão: *o que é o ponto-zero?* Então, vamos aos fatos desde o princípio.

Aprofundei minha concepção de *ponto-zero*, como estado de equilíbrio, no ano de 2017, enquanto realizava um estágio sênior (pós-doutorado) em Psicologia, no Centro de Psicologia da Universidade do Porto (Portugal), sob a supervisão da professora São Luís Castro. O conceito de *ponto-zero* ao qual me refiro foi apresentado pelo filósofo polonês Salomon Friedlander² (1871-1946) e

¹ O presente texto originou-se de um convite para a discussão sobre filmes que retratam a distopia, como por exemplo, *V de Vingança* (*V for Vendetta*, James McTeigue, 2005). Por isso, em minha escrita, levo em conta que o leitor já reconhece esses termos, por ter lido outros capítulos do livro que trazem o assunto à tona, a partir de reflexões sobre alguma obra cinematográfica.

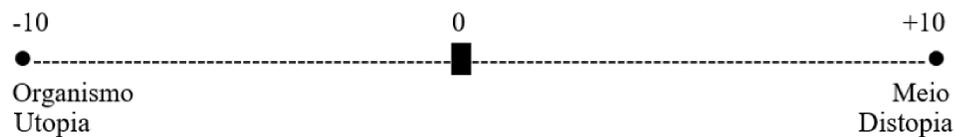
² Existem várias correntes filosóficas e religiosas que defendem algo semelhante àquilo que Friedlander chama de *ponto-zero*. Achei importante desta-

defendido pelo alemão, considerado por muitos como o pai da Gestalt-Terapia, Friederich Salomon Perls (1893-1970), mais conhecido como Fritz Perls. Em seu primeiro livro, *Ego, fome e agressão*, publicado em 1942, Perls (2002, p. 45-46) escreve:

Em seu livro *Creative indifference*, Friedlaender apresenta a teoria de que todo evento está relacionado a um ponto-zero, a partir do qual ocorre uma diferenciação em opostos. Esses opostos apresentam, em seu contexto específico, uma grande afinidade entre si. Permanecendo atentos no centro, podemos adquirir uma habilidade criativa para ver ambos os lados de uma ocorrência e completar uma metade incompleta. Evitando uma perspectiva unilateral, obtemos uma compreensão muito mais profunda da estrutura e da função do organismo.

Se eu quisesse transformar as palavras acima em uma figura ilustrativa que refletisse a busca de regulação entre organismo/meio ou utopia/distopia, etc., teríamos um marcador (na figura abaixo, posicionado no *ponto-zero*) que poderia oscilar entre -10 e +10 na busca de regulação:

Figura 1 – A busca de sintonia na relação organismo/meio ou utopia/distopia.



Fonte: Elaborada pelo autor (2019).

Verifique que, propositalmente, eu posicionei a utopia no extremo negativo da figura, enquanto a distopia está no extremo positivo. O intuito é simplesmente deixar em aberto o que é nega-

car a origem da compreensão que defendo, para servir como marco de localização histórico e geográfico à minha reflexão.

tivo ou positivo para, assim, tentar encontrar a sintonia entre os dois extremos e, quiçá, produzir uma visão integradora. Algo semelhante ao que acontece na interação entre os polos magnéticos do planeta Terra. Eles produzem o magnetismo do Globo pela interação entre si e funcionam como um gigantesco imã que, dentre outras coisas, regula a entrada de raios solares, raios cósmicos e raios ultravioletas B na atmosfera terrestre³. Em minha interpretação, advinda da leitura de autores como Perls, a busca de integralidade e autorregulação entre as funções do *self*⁴ seria uma superação das dualidades dicotomizadas (utopia ou distopia; anjo ou demônio; positivo ou negativo; corpo ou mente; etc.). Em outras palavras, seria o encontro harmonioso e autêntico, no *ponto-zero*, entre os opostos.

³ Aos curiosos, sugiro uma pesquisa em *sites* confiáveis, na Internet, para verificar um fato: os polos magnéticos (positivo e negativo) da Terra não são “instituições” fixas, ou seja, eles podem se inverter (trocar de posição) de tempos em tempos. A última inversão dos polos magnéticos do Globo ocorreu há aproximadamente 780 mil anos.

⁴ A seguinte citação do livro *Gestalt-Terapia*, explica o significado de *self*: “Enquanto aspecto do *self* num ato simples espontâneo, o Id, o Ego e a Personalidade são as etapas principais de ajustamento criativo: o Id é o fundo determinado que se dissolve em suas possibilidades, incluindo as excitações orgânicas e as situações passadas inacabadas que se tornam conscientes, o ambiente percebido de maneira vaga e os sentimentos incipientes que conectam o organismo e o ambiente. O Ego é a identificação progressiva com as possibilidades e a alienação destas, a limitação e a intensificação do contato em andamento, incluindo o comportamento motor, a agressão, a orientação e a manipulação. A Personalidade é a figura criada na qual o *self* se transforma e assimila ao organismo, unindo-a com os resultados de um crescimento anterior. Obviamente, tudo isso é somente o próprio processo de figura/fundo, e em um caso simples assim não há necessidade de dignificar as etapas com nomes especiais”. (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 184).

No livro *Gestalt-Terapia*, publicado em 1951 por Perls, Hefferline e Goodman (1997), os conceitos de ‘crescimento’, ‘criatividade’ e ‘novidade’ são apresentados como os resultados saudáveis do *self* quando a pessoa passa a rever os seus conceitos de ‘auto-preservação’, ‘ajustamento’ e ‘rotina’. Assim, permitindo-se transitar entre as dualidades dicotomizadas, a pessoa pode encontrar novamente a oportunidade de crescer, seja por assimilação ou por rejeição daquilo que se lhe apresenta no aqui e agora. Com isso, recupera-se a espontaneidade da autorregulação orgânica. Na compreensão da Gestalt-Terapia é preciso aprender a encarar as dualidades de forma integral ou holística. Para Gary Yontef, que foi aluno de Perls na década de 1960, a autorregulação orgânica:

[...] leva à integração das partes umas com as outras, numa totalidade que contém as partes. O campo é frequentemente diferenciado em polaridades: partes que são opostas, que se complementam ou explicam. Os polos positivo e negativo de um campo elétrico são o modo típico desta diferenciação, à maneira da teoria de campo. O conceito de polaridades considera os opostos como parte de um todo, como yin e yang. (YONTEF, 1998, p. 34-35).

Em sua obra *Ego, fome e agressão*, publicada em 1942, Perls aborda a questão da regulação orgânica. Para esclarecer o assunto, ele exemplifica que a fome ou a sede representam que o organismo não está no *ponto-zero*, pois falta algo ao equilíbrio. Da mesma forma, quando há excesso de comida ou água no organismo, surge a necessidade de excretá-los pelas fezes ou pela urina. Assim, se alimentar ou beber água reporia a falta trazendo o organismo novamente ao *ponto-zero*, bem como a defecação ou a

micção restauraria o equilíbrio organísmico. Segundo o autor, os diferentes instintos que visam à regulação do organismo poderiam ser organizados sob duas categorias: os instintos de autopreservação e os instintos de preservação da espécie. O primeiro seria assegurado pela compensação das necessidades de alimento e defesa, enquanto o segundo seria assegurado pela preservação da espécie via sexualidade (PERLS, 2002).

Na compreensão de Perls (2002), da mesma forma que as funções metabólicas alteradas (mais ou menos) representam a tendência básica de autorregulação organísmica, nossa civilização criou nas pessoas certas necessidades (imaginárias e reais) secundárias. Para exemplificar tais necessidades secundárias, ele cita que o organismo de uma pessoa obesa que trabalha em um escritório localizado no 40º andar desenvolveu uma espécie de ‘instinto de elevador’ que praticamente o incapacita de chegar ao ambiente de trabalho sem o auxílio da tecnologia. Da mesma forma, eu poderia exemplificar com a necessidade imaginária da geração do ano 2018, que adquiriu certo ‘instinto de redes sociais’, ao ponto de se sentirem excluídas caso não recebam a aprovação e os comentários que gostariam depois da postagem de uma imagem ou mensagem em redes sociais da Internet ou em aplicativos para telefones móveis. Para Perls (2002), as necessidades secundárias não são vitais à regulação organísmica, mas passaram a consumir nosso interesse a ponto de se transformarem em obsessões e fobias.

Perls também discorre sobre a inter-relação entre organismo e meio na obra *Ego, fome e agressão*. Nesse sentido, destaca

que nenhum organismo é autossuficiente, pois requer o meio ao seu redor para satisfazer suas necessidades: “Considerar um organismo por si mesmo equivale a vê-lo como uma unidade artificialmente isolada, ao passo que há sempre uma interdependência do organismo e seu ambiente” (PERLS, 2002, p. 75). Para o autor, as pessoas selecionam as partes do mundo com as quais querem entrar em contato segundo seus interesses. Mas, o contato é limitado ao alcance dos órgãos de percepção, bem como pelas inibições criadas pela sociedade. Para Perls, a evitação do contato leva à deterioração da função holística⁵ e à desintegração das esferas de ação. Afinal, todo contato, desde que não sejam compostos de situações de perigo impossíveis de dominar, amplia as esferas da relação organismo/meio, passando a integrar a personalidade e as capacidades da pessoa (PERLS, 2002).

Aqui, remeto-me novamente à questão que intitula o presente capítulo, para refletir: talvez, nossa escolha entre utopia e distopia se inverta/reverta – assim como os polos magnéticos da Terra se invertem de tempos em tempos –, conforme o contato entre organismo e meio. Segundo Perls (2002), a relação entre a realidade circundante e a necessidade do organismo tem a ver com a relação entre corpo e mente. A imagem mental que corresponde

⁵ No Holismo preconizado de Fritz Perls (1977; 2012), cada elemento que compõe uma situação em aberto se relaciona com reciprocidade com todos os demais elementos, ou seja, em contextos diferentes temos figuras diferentes emergindo do fundo e originando diferentes resultados. No que se refere ao Holismo, Perls recebeu influência do pensamento de Jan Christiaan Smuts, principalmente da obra *Holism and Evolution*, publicada em 1926. Smuts foi o criador do termo holismo e seus preceitos defendiam que a evolução do universo ocorre pela formação de todos integrais e que essas integralidades não poderiam ser explicadas simplesmente pela soma de seus componentes.

a uma necessidade orgânica desaparecerá tão logo seja satisfeita. Da mesma forma, uma necessidade secundária ou subjetiva desaparecerá quando não for mais relevante ao contexto. Para esclarecer a relação corpo e mente em uma necessidade secundária, Perls (2002) destaca que uma pessoa pode dirigir seu carro por vários bairros e não identificar a existência de estações dos correios. Todavia, quando ela precisar dos serviços postais, a situação se modificará: “de um fundo visto com indiferença, uma caixa de correio vai destacar-se, tornando-se uma realidade subjetiva, uma figura (Gestalt⁶) contra um fundo indiferente” (PERLS, 2002, p. 79). Em outras palavras, as pessoas selecionam os objetos de sua atenção no ambiente, conforme os interesses de cada momento espaço/tempo⁷ em uma constante relação transacional entre figura e fundo.

Na compreensão de Perls (2002), o neurótico perde parcialmente a consciência sensório-motora e não experiencia as sensações no aqui e agora. Como consequência, a pessoa vive uma situação incompleta, pois se cria um escotoma (ponto cego) para a manifestação psicológica da emoção. Perls (2002) ancora seu pensamento em Reich para destacar que a regulação de instintos via princípios morais, difere grandemente da autorregulação orga-

⁶ Gestalt é uma palavra alemã sem tradução para o português. A compreensão que darei à palavra origina-se em Fritz Perls (2012), que entende a Gestalt como sinônimo do ato psicológico/biológico (integral) do organismo para se adaptar a um determinado ambiente/contexto.

⁷ Da mesma forma como a velocidade de um corpo é relativa ao todo daquele espaço/tempo, segundo a teoria de Albert Einstein, a regulação de um organismo também é relativa à relação holística entre o organismo e o meio no aqui e agora, segundo a teoria de Perls (2012).

nísmica. Inclusive, a regulação que ocorre por preceitos morais leva à acumulação de situações inacabadas que interrompem a natural regulação do organismo pela contração muscular. Por isso, o autor defende que todas as funções corporais/mentais devem ser olhadas sob o prisma da autorregulação.

Para Perls (2002), o estado de ansiedade é um exemplo de quebra da autorregulação organísmica e se caracteriza pelo conflito entre o impulso de respirar para superar o sentimento de asfixia e a oposição do autocontrole. As palpitações cardíacas de uma crise de ansiedade são originadas pela oxigenação limitada que leva à aceleração da bomba cardíaca para manter o envio suficiente de oxigênio aos tecidos. Mas ainda há outro sintoma na crise de ansiedade: a inquietação presente nos estados de excitação que não alcançam a descarga naturalmente. Perls (2002) lembra que o organismo produz excitação quando determinada situação requer uma grande quantidade de atividade, principalmente motora, para a sua concretização. Caso a pessoa desvie a excitação de seu alvo real, numa tentativa de exercer autocontrole, a atividade motora se decompõe e passa a ser parcialmente utilizada para o funcionamento dos músculos antagonistas que refrearão a ação motora. Porém, ainda resta muita excitação que se traduz em punhos cerrados, na agitação dos braços, no andar inquieto de um lado para o outro, etc. Assim, em decorrência do excesso de excitação e o impedimento de sua descarga, a autorregulação organísmica natural não poderá se concretizar e, por consequência, o sistema motor do organismo permanecerá agitado. Eis como o autocontrole transforma a excitação em ansiedade.

Assim, no que tange à escolha entre distopia e utopia, gostaria de lembrar uma advertência de Perls (2002), já publicada em sua obra de 1942. O autor se manifesta contra a ideia de que as emoções são energias misteriosas e afirma que as pessoas precisam aprender a reestabelecer as funções biológicas da agressão, mesmo que, com muita frequência, a sociedade nos exija sua sublimação. Para ele, uma pessoa que suprime a agressão precisa encontrar outra alternativa para descarregar a energia da raiva, como por exemplo, esmurrar uma almofada, chutar uma caixa de papelão, fazer um esporte que gaste muita energia como a corrida, a natação ou as artes marciais. Perls (2002) destaca que à semelhança da maioria das emoções, a agressão tem como objetivo a descarga de energia de forma aplicada. Isso quer dizer que a emoção é um excesso do organismo, assim como a urina, mas não se trata simplesmente de matéria residual que pode ser descartada sem que o mundo externo se transforme em um objeto. Diferentemente das matérias residuais, a maioria das emoções exige que o ambiente que nos circunda sirva de motivo, causa ou agente e, dessa maneira, recorre-se a um substituto (esmurrar uma almofada, etc.), pois a excitação carece de algum tipo de contato e objetivo para propiciar a satisfação. Nas palavras de Perls (2002, p. 253), as emoções “estão sempre conectadas a ocorrências somáticas a tal ponto que, na verdade, muitas vezes, a emoção inacabada e a ação inacabada dificilmente são diferenciadas”.

Perls (2002) destaca que no espaço/tempo caracterizado por uma situação de perigo no presente, o organismo dispõe todas as faculdades à sua disposição para equacionar a contrariedade. Ele

exemplifica dizendo que a mãe que acabou de se zangar com o filho, poderá em um instante seguinte, protegê-lo de um estranho que o insulta. Assim, o amor passa a ser entendido como a identificação ('meu') com certo objeto, ao passo que o ódio passa a ser entendido como a alienação ('longe de mim') do objeto. Logo, o desejo de ser amado encontra contiguidade no desejo de que o objeto tenha identificação com os anseios do sujeito – nos ditados populares, o intenso amor entre duas partes é expresso como 'almas gêmeas', 'carne e unha' etc. Dessa maneira, o *self* evoca as funções necessárias à satisfação da necessidade que se mostra urgente e se identifica ou hostiliza o meio que circunda o objeto-alvo do desejo.

Até aqui foram explicitados vários conceitos com o objetivo de esclarecer como nosso organismo busca o equilíbrio (*ponto-zero*) em sua relação com o meio. Entretanto, ainda percebo a latência de outra pergunta: como saber qual é o *ponto-zero* (equilíbrio) na relação utopia/distopia?

Para Perls (2002), um sistema *self* saudável responderá à realidade subjetiva e às necessidades do organismo. Ou seja, se o organismo ficar com sede, a bebida se tornará Gestalt e ao se identificar com bebida ("Eu estou com sede"), responderá à Gestalt ("Eu quero esta bebida"). Contudo, Perls (2002) esclarece que nos deparamos com um aspecto bifuncional adicional que ele chama de 'escravo' e 'senhor'. Tal premissa parte do entendimento de que a função Ego, no sistema *self*, aceita ordens tanto da consciência (função Personalidade) e do meio ambiente no campo social, quanto dos instintos (função Id) no campo biológico. Um

exemplo de má aplicação da função Ego seria a decisão de uma pessoa de que a defecação é algo incômodo e que seu intestino deverá ‘obedecer’ aos horários e locais que ele determinar. Podemos imaginar onde essa situação chegará ao final de certo tempo. Perls (2002) esclarece que os desejos mais próximos das necessidades orgânicas terão maior dificuldade de alienação a uma determinada situação social. Além disso, o conflito interno que se estabelece é contrário à essência do holismo e a cisão entre instinto e consciência pode levar, no caso do exemplo citado, a uma ação hostil nada saudável em relação ao instinto, devido ao olhar amigável à consciência influenciada pelo contexto social.

Nesse contexto, Perls aponta como essencial a *awareness*⁸. Inclusive, a Teoria da Awareness foi considerada por ele como uma de suas contribuições originais. Perls (1977, p. 107) destaca: “Minha função como terapeuta é ajudar vocês a tomarem consciência do aqui e do agora, e frustrar vocês em qualquer tentativa de fugir disto.” Em outra obra, intitulada *Gestalt-Terapia*, Perls, Hefferline e Goodman (1997) utilizam o artista como exemplificação dessa conscientização gestáltica. Para eles, o artista está inteiramente consciente do que faz e, ao final da execução de sua obra, ele pode indicar o percurso utilizado para alcançar o seu objetivo. Ou seja, a consciência do artista aceita as condições, se dedica à atividade e, conseqüentemente, promove o crescimento in-

⁸ A palavra inglesa *awareness* não é traduzida para o português em muitas obras da Gestalt-Terapia. Minha definição para *awareness* ou consciência gestáltica, como gosto de chamar, é a seguinte: dar-se conta de algo integralmente, ou seja, *awareness* é o momento em que o corpo e a mente (ou a intuição e o intelecto) se integram em uma relação organismo/meio consciente para o fechamento de uma Gestalt.

tegral do organismo em seu meio. Perls, Hefferline e Goodman (1997) também fazem uma analogia com as crianças para explicitar o que é *awareness*, pois elas experienciam as brincadeiras irrestritamente ao ponto de permitirem que a energia flua espontaneamente e integralmente. Para os autores, tanto artistas quanto crianças utilizam a integração sensório-motora, a aceitação do impulso e o contato com o ambiente para a produção de uma obra de valor. Enquanto isso, a maioria das pessoas tem dificuldade de se entregar à consciência gestáltica, pois estão demasiadamente preocupadas em serem responsáveis por si mesmas.

Inspirado em tudo o que escrevi acima e para encerrar minhas reflexões, gostaria de apresentar um desejo que pode servir de inspiração para responder à pergunta que originou meu texto. Espero que cada vez mais pessoas venham a utilizar a consciência gestáltica, a autorregulação organísmica, o holismo, bem como a aceitação do impulso e o contato com o ambiente no aqui e agora para a produção de um *ponto-zero* (equilíbrio) entre a distopia e a utopia.

Referências

- PERLS, F. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- PERLS, F. *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, F. *Gestalt-Terapia explicada*. 10. ed. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-Terapia*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

YONTEF, G. M. *Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-Terapia*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.